



Daniela Toviansky

Livia de Oliveira

Mestre da alfabetização cartográfica

Geógrafa da Unesp de Rio Claro inovou ao repensar os mapas para crianças e introduzir estudos sobre percepção geográfica.

Alice Giraldi
unespciencia@unesp.br

À primeira vista, essa senhora de cabelos encaracolados pode até parecer frágil. Mas são necessários poucos minutos de conversa para a impressão se desfazer. Aos 83 anos, e ainda inquieta, a geógrafa Livia de Oliveira se expressa com voz forte. Expõe suas ideias com firmeza, conta que é solteira, diz que é ousada e avisa: “Sou grudenta”.

Essas características garantiram a ela a segurança para buscar novos caminhos na Geografia, área sobre a qual se debruçou a partir do final dos anos 1950, depois de uma passagem meteórica pela Enfermagem. Professora emérita do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Unesp em Rio Claro, Livia esteve envolvida em duas expressões brasileiras da Nova Geografia, movimento iniciado nos anos 60 em vários países para

modernizar essa área de estudo.

Naquela época, a pesquisadora participou do grupo que introduziu no país a geografia quantitativa, ou teórica, com a proposta de conferir a esse campo de estudo uma maior cientificidade, usando recursos como estatística e produção teórica. Na década seguinte, a geógrafa passou a se dedicar à pesquisa sobre percepção do meio ambiente. Produziu estudos que mais tarde seriam identificados como o germe da geografia humanista no Brasil e traduziu para o português três livros de um dos principais teóricos dessa linha, o sino-americano Yi-Fu Tuan.

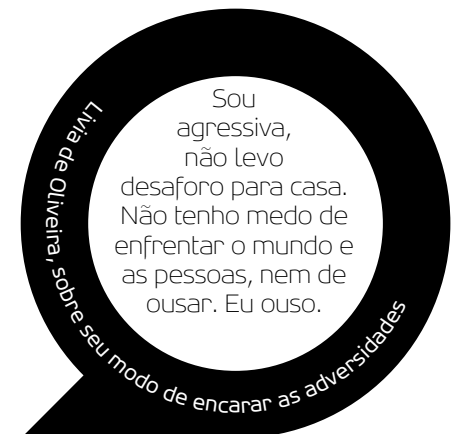
A mais cintilante contribuição de Livia à Geografia, no entanto – e que em maio de 2011 lhe rendeu um título de comendadora, conferido pela Sociedade Brasileira de Cartografia (SBC) –, foi em educação. A pesquisadora é reconhecida como a introdutora da cartografia escolar no país, fruto de uma observação singela: as crianças não conseguiam compreender bem mapas e atlas porque eles são feitos para adultos.

“A professora Livia é um ícone da alfabetização cartográfica”, diz o engenheiro cartógrafo Nei Erling, vice-presidente da SBC. Tanto que ela virou nome de prêmio. Em 2009, a seção brasileira da Associação Cartográfica Internacional criou o concurso Livia de Oliveira de Cartografia para Crianças, coordenado por Erling, que anualmente premia os melhores mapas

produzidos por alunos de ensino básico.

Hoje aposentada, mas ainda atuante como orientadora de pós-graduação, Livia formou gerações de cientistas e professores, principalmente a partir dos anos 80, quando a Unesp de Rio Claro se posicionou como um dos três mais importantes centros formadores de pesquisadores em geografia. “Os alunos vinham de longe para fazer formação com a Livia e depois voltavam para seus Estados, onde passavam a formar novos alunos”, conta o geógrafo Eduardo Marandola, do Núcleo de Estudos de População da Unicamp.

Em seu apartamento em Rio Claro, cercada por peças coletadas durante viagens às Américas, Ásia, África e Europa, Livia recebeu a reportagem para esta entrevista.





O que dizem

sobre Livia de Oliveira

Paulo Landim

geólogo, ex-reitor da Unesp

Livia criou métodos para auxiliar a criança na compreensão do mapa e ajudou a formar gerações de professores de Geografia. Como docente, sempre foi muito exigente em tudo aquilo que faz um bom professor, como correção do português, rigor da pesquisa e atitude do aluno.

Eduardo Marandola

geógrafo, pesquisador do Núcleo de Estudos de População da Unicamp

Livia de Oliveira é um grande farol. Fez escola, formou pesquisadores que multiplicaram seu pensamento em várias regiões do Brasil. Foi a primeira pesquisadora na geografia brasileira a produzir textos eminentemente epistemológicos. Seus estudos sobre percepção do meio ambiente, iniciados na década de 70, abriram uma brecha na agenda de pesquisa no Brasil para os temas que mais tarde iriam resultar no florescimento da geografia humanista no país.

Sandra Piton

chefe do Departamento de Geografia da Unesp Rio Claro

Ela é meu norte. Foi minha professora de graduação e orientadora de mestrado. Tem um grande amor pela geografia e é reconhecida internacionalmente por sua contribuição científica, tanto na área da geografia humanista como no campo da cartografia escolar. Sempre foi muito inovadora e não parou no tempo.

UNESP A senhora diz que tem sangue indígena e é briguenta. De que forma essas características influenciaram sua trajetória como pesquisadora?

LIVIA DE OLIVEIRA Minha avó materna era mestiça de índia. Não tinha o biotipo, mas conservava o temperamento indígena. Há um certo atavismo nessas coisas, que também está presente em mim: sou muito independente; não gosto de roupas e as que uso são sempre com cor; sou muito franca, não uso subterfúgios para falar. E há, também, a braveza: sou briguenta. Aos 9 anos de idade, perdi um dente da frente. Fiquei banguela até os 13 anos, porque naquela época não havia dentista em Mairinque (SP), a cidade em que nasci e me criei. Eu era magérrima, então, além de me chamarem de banguela, me chamavam também de “Livia Palito”. Eu batia nos meninos – e eram precisos dois para me enfrentar, porque se fosse um só eu dava conta. Sou agressiva, não levo desaforo para casa. Essa agressividade me acompanhou a vida toda, e creio que me ajudou. Não tenho medo de enfrentar o mundo e as pessoas, nem de ousar. Eu ousei. E digo sempre aos meus alunos: ousem, não aceitem simplesmente as coisas, se atrevam a fazer coisas novas, não fiquem só fazendo mais do mesmo.

UC Antes de ser geógrafa, a senhora foi enfermeira. Como foi esse percurso da saúde à geografia?

LIVIA Em 1945, eu havia concluído o curso da Escola Normal, em Sorocaba, mas não queria ser professora. Muito menos professora primária, porque não tinha muita paciência com crianças, brincava com elas em vez de ensinar. Naquela época, uma amiga estava cursando enfermagem na USP, em São Paulo. Decidi visitá-la na escola de enfermagem e fiquei encantada: era exatamente aquilo que eu queria fazer! Nem voltei para casa, já me matriculei direto no curso, que era de três anos, e gostei muito. Morava no Hospital das Clínicas, era muito estudiosa, dedicada. O estágio era feito ao longo do curso, tive a oportunidade de praticar em todas as áreas da medicina. Trabalhei por quase cinco anos na Faculdade



Aos 5 anos, brava com o corte de cabelo

de Higiene da USP, como enfermeira-visitadora. Então, em 1951, fui para os Estados Unidos com quatro colegas de trabalho fazer uma especialização em saúde pública na Universidade de Minnesota. Um ano depois, quando voltamos, queríamos pôr em prática as novas ideias que vimos funcionando muito bem nos EUA. Preparamos um plano muito bem feito e fundamentado e apresentamos ao diretor da faculdade. Queríamos, por exemplo, criar no ambulatório uma sala para as crianças brincarem enquanto esperavam os resultados do laboratório, instalar um local adequado para repouso das grávidas e instituir a visita do médico a pacientes em casa. Muitos médicos concordavam com nossas ideias, mas o diretor nos comunicou que não ia implantá-las. Passado algum tempo, pedimos, as quatro colegas e eu, licença para participar de um encontro de saúde pública em Curitiba. Mais uma vez o diretor recusou. Naquela época existia a figura da educadora sanitária. Era um cargo técnico, que não exigia curso superior, bastava ser professora primária e depois fazer um ano de especialização. Soubemos que um grupo de educadoras sanitárias da faculdade havia ido ao encontro em Curitiba e apresentado nosso projeto como se fosse delas, com o apoio do diretor. Decidimos pedir imediatamente nossa demissão conjunta, mas descobrimos que nosso contrato previa a compensação, em tempo de trabalho, do período



Recebendo o diploma de Geografia

que havíamos estudado fora. Teríamos de continuar na faculdade por mais três anos. Então, entre as cinco, combinamos: já que não podíamos sair, iríamos tornar a vida do diretor intolerável. Ele aguentou uns seis meses, depois nos chamou e disse que não queria mais nos ver por lá.

UC Foi quando decidiu mudar de área?

LIVIA Nesse tempo, durante uma conversa com minha mãe, disse que iria sair da enfermagem, porque naquele pé já não dava mais, era só briga todo dia. Mamãe respondeu que a primeira profissão eu havia escolhido sem nem perguntar a opinião dela e do meu pai, mas que desta vez iríamos conversar. E sugeri: “Por que você não faz geografia?” Mamãe era professora e apaixonada por geografia, gostava de viajar, mas nunca viajou de fato, somente pelos mapas. Ela insistiu: “Livia, vá fazer geografia, faça por mim”. Eu estava mais interessada em história e, naquela época, geografia e história estavam juntas no curso da USP. Então fiz um cursinho vestibular, estudei e entrei em primeiro lugar.

UC Por que desistiu da História?

LIVIA Durante o curso, acabei brigando com o professor de História das Américas. Discutimos por causa de uma orientação que achei equivocada sobre a bibliografia de um de meus trabalhos. Depois de um acalorado bate-boca, ele me avisou que desistisse de cursar história. Encontrei-



Na formatura em Geografia da USP, em 1958, e com o sobrinho José Carlos

me com o professor Araújo, que lecionava Geografia do Brasil, e contei sobre a briga. E ele me convidou: “Venha para a geografia, que nós gostamos de você”. Eu fui e fiquei.

UC E, assim, acabou atendendo ao pedido de sua mãe.

LIVIA Sim, mamãe ficou muito feliz. Eu retirava da biblioteca os livros em francês para estudar, e ela lia todos eles, traduzia e preparava as minhas aulas. Ela praticamente fez o curso comigo. A essa altura eu comecei a dar aulas e estava encantada com a ideia de ser professora. Queria que meus alunos aprendessem geografia, porque é uma ciência horizontal, que se limita com as outras ciências. Começava mostrando o clima do lado de fora da sala de aula; depois falava sobre o relevo, fazia os alunos colocarem o pé na terra; depois falava sobre a cidade.

UC Que caminhos a levaram ao Instituto Isolado em Rio Claro?

LIVIA O dr. João Dias da Silveira [diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro no final da década de 50] já havia me chamado para ir para lá, mas eu havia respondido que não, porque mamãe estava muito doente. Quando mamãe faleceu, ele voltou a me procurar e disse: “Agora você vai, mas eu tenho uma ideia diferente sobre o que você vai fazer”. Ele planejava introduzir a disciplina de didática no último ano do curso de

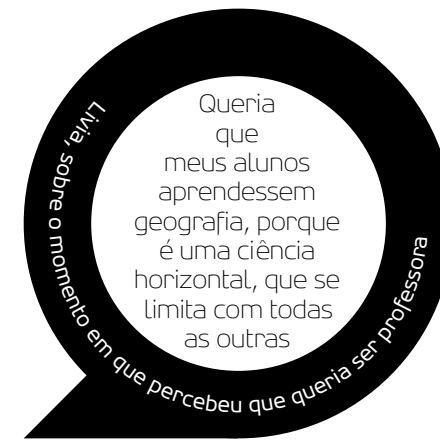


Arquivo Pessoal

geografia. E queria que eu me dedicasse integralmente a ela, e não a usasse como um trampolim para outras áreas de estudo, como é o costume. A proposta era que eu a transformasse numa disciplina interessante e necessária. Aceitei o desafio e cheguei ao instituto em 1962, no último ano da primeira turma de Geografia.

UC Como foram esses primeiros tempos?

LIVIA Muito difíceis. Rio Claro no começo da década de 60 era uma cidadezinha muito acanhada. Nós, os professores do instituto, éramos considerados verdadeiros ETs pelo povo da cidade. Uma colega chegou a levar um apertão no braço num ponto de ônibus de um morador, que comentou surpreso: “Olha, é gente mesmo!” Éramos os protomártires. Na Antropologia estava o Fernando Altenfelder; na Geogra-



Querida que meus alunos aprendessem geografia, porque é uma ciência horizontal, que se limita com todas as outras



Com turma de escola no Vale do Ribeira, onde ensinou geografia durante a graduação



Com grupo de anciãos na Nigéria, em congresso da União Geográfica Internacional



Com Landim, ao receber título de prof. emérita (2008); e o de comendadora, neste ano

fia Física, o Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro; na Geografia Humana, a Elza Keller; na Filosofia, a Regina Bicalho; na Geologia, o Paulo Landim; na Biologia, a Carminda Landim. Ficávamos todos juntos, nos reuníamos entre nós, na casa do Landim e da Carminda. Aí, em 64, veio a revolução e cresceu a desconfiança da cidade em relação a nós, do câmpus: para eles, éramos todos comunistas que comiam criancinhas.

UC Nos anos 60, a senhora ajudou a trazer para o Brasil ideias sobre a geografia quantitativa, que propunha uma maior formalização dessa área científica. Esse movimento colocou a geografia de Rio Claro em evidência, mas acabou dando origem a mais um conflito?

LIVIA A geografia quantitativa de fato começou na Unesp de Rio Claro. Achávamos que a geografia puramente descritiva, cheia de adjetivos, que se praticava até então deveria mudar. Era preciso criar uma geografia substantiva. Quando trouxemos as ideias da quantitativa dos EUA, eu acreditava que tínhamos de nos focar no conteúdo da geografia, na epistemologia. O que me interessava era a parte teórica. Então, durante parte dos anos 60 e 70, produzimos em Rio Claro muitas teses e dissertações sobre temas da geografia quantitativa. O pessoal da geografia da USP, entretanto, não aceitou essa novidade: dizia que estávamos “matematizando” a geografia. Penso que havia uma certa dor de cotovelo, do tipo “quem é esse pessoal do interior para introduzir alguma coisa diferente”? Nessa época, os geógrafos da USP “descobriram” o marxismo, que foi a base de outro movimento, a geografia radical. Para os pesquisadores que seguiam essa linha, a geografia física não era geografia, somente a social e a humana podiam ser chamadas de geografia. Esse grupo não admitia o ensino da cartografia. O argumento era que os mapas eram produzidos por pessoas alinhadas com o governo da ditadura militar. Naquela época, chegou-se ao exagero de excluir a climatologia do currículo da geografia para colocá-la na biologia. O resultado disso é que há professor de ciências, que

não entende nada de clima, dando aula de climatologia. Mas hoje já não se briga mais por causa disso. As ideias da geografia humanista, que vieram depois, de certa forma juntaram os dois lados. Hoje muitos geógrafos creem que a geografia deve estudar os aspectos social e econômico, sim, mas é preciso também estudar a terra, o relevo, o clima.

UC A senhora introduziu o estudo da geografia humanista no Brasil. Como chegou a essa linha de pesquisa?

LIVIA De uma forma solitária, intuitiva. Meu caminho foi por meio do conceito de percepção do espaço de Jean Piaget, que me levou à percepção geográfica. E, também, de leituras de autores como Ernest Cassirer, Gaston Bachelard e Yi-Fu Tuan. A geografia humanista considera que na ciência é preciso haver afetividade, que não se pode pensar as coisas friamente, objetivamente. É preciso que o geógrafo coloque-se no seu campo de estudo e observe de que maneira as pessoas percebem o lugar. Na questão do meio ambiente, a ética está relacionada ao amor. Se eu não tiver amor a um lugar, não posso cuidar dele, pois não vou conservá-lo, vou explorá-lo e destruí-lo.

UC Quando se deu conta de que os mapas eram feitos para adultos e não para crianças?

LIVIA Quando comecei a preparar a livre docência, nos anos 70. Eu queria trabalhar com mapas, porque havia observado nas aulas que não há criança ou adolescente que não goste de mapa, porque a representação é que é o gostoso do estudo da geografia. Eu havia ido à Suíça fazer um estágio na Universidade de Genebra, que concentra o conhecimento sobre Piaget. Minha ideia era juntar mapas e didática, mas ainda não sabia como. Lá ouvi do professor vietnamita Vin Bang, que trabalhava com o tema do espaço na escola do Piaget, a sugestão: “Se ninguém ainda fez essa ligação, faça você”. As provas do Piaget referiam-se às noções de direita e esquerda, usadas para acompanhar o desenvolvimento cognitivo da criança em relação ao espaço. Eu construí outras

provas, acima e abaixo, porque eram noções que eu precisava por causa do mapa. Fiz a transposição da direita e esquerda para leste e oeste e de acima e abaixo para norte e sul. No leste é onde o sol nasce, e no oeste onde se põe; no norte eu usei a estrela Polar, e no sul a estrela de Magalhães, que são fixas. Construí essas provas para detectar a capacidade de construção da criança desses conceitos nas diferentes faixas etárias. Apliquei essas provas num estudo longitudinal com crianças de todas as faixas etárias em escolas públicas de Rio Claro.

UC O que a senhora concluiu desse estudo?

LIVIA Eu queria saber em que momento de seu desenvolvimento cognitivo a criança poderia trabalhar com a linguagem do mapa euclidiano, que é visto de cima. Concluí que somente a partir de 12 anos de idade. Os mais novos não eram capazes de construir o espaço assim, porque sua construção é topológica, tem como referência o próprio corpo. As crianças mais novas têm somente noção das coisas que estão perto e longe, dentro ou fora, e não têm uma perspectiva vista de cima, que é a do mapa. As crianças de 6, 7 anos, titubeiam para dizer o que é direita e esquerda, acima e abaixo. As provas que usei no estudo não foram feitas por meio da leitura de mapas. Eu estava tentando detectar os elementos do mapa que a criança poderia compreender, do tipo onde o sol nasce, onde se põe, para a direita e para a esquerda. Concluí que era necessário pensar numa alfabetização para essa leitura. Você não dá um texto de Guimarães Rosa para uma criança da primeira série ler, o que você dá é a cartilha. Os atlas que existem por aí são todos para adultos, mas vimos que eles teriam de partir dessas relações topológicas que a criança estabelece com o meio ambiente. A criança também não é capaz de estabelecer relações projetivas com o ambiente, tanto é que seus desenhos têm transparência, os objetos que estão atrás aparecem sobrepostos aos que estão na frente. Conforme a idade da criança, a perspectiva ainda não é um conceito incorporado. O mapa tem uma imagem e uma

linguagem, e a criança precisa trabalhar com essas duas noções, então é preciso introduzir a criança a elas. Essas ideias demoraram duas décadas para germinar. Somente nos anos 90 os colegas começaram a perceber que era preciso criar uma cartografia infantil. Para discutir essas ideias, começamos a organizar os Colóquios de Cartografia Escolar, que já estão na décima edição. E hoje já existe no CNPq um setor de cartografia escolar.

UC Que temas geográficos a instigam no momento?

LIVIA A geografia do sabor, que é uma nova linha da geografia humanista. Estou escrevendo um livro sobre o assunto e finalizando a orientação de um doutorado sobre a geografia do queijo artesanal mineiro. Só gosto de tema assim, diferente.

UC O que é essencial para um professor de geografia?

LIVIA Gostar de geografia e, também, de crianças e jovens. E buscar formas de transmitir o conteúdo de forma adequada para cada faixa de idade. É preciso levar em conta a afetividade, em relação ao aluno e à geografia. E é preciso saber, conhecer. A geografia andou reduzida por muitos anos, porque ficou na mão de professores que não eram geógrafos, que só davam mapas prontos e decoração. Mas é uma ciência essencial para a vida: assim como não vivemos sem a noção de tempo que nos dá a História, não vivemos sem a noção de espaço que a Geografia oferece.

